

Eixo Temático ET-05-021 - Meio Ambiente e Recursos Naturais

SOCIEDADE E MEIO AMBIENTE: O DESAFIO DO CRESCIMENTO ECONÔMICO-ECOLÓGICO

Jaqueline Gomes Amorim¹; Arilde Franco Alves²

¹Acadêmica do Curso de Gestão Ambiental do IFPB. E-mail: jake_amorim@hotmail.com; ²Professor do Curso de Gestão Ambiental do IFPB. E-mail: alves@ifpb.edu.br.

RESUMO

O Capitalismo moldou a forma de produção da sociedade moderna, assim como modificou a forma de pensar e agir do homem contemporâneo. A sociedade desenvolveu a “síndrome” do consumismo, e transformou-se em uma grande “fábrica de lixo”, consumidora de produtos descartáveis e não-duráveis. Deliberadamente, as pessoas poluem, agridem, contaminam e desmatam o meio ambiente em benefício próprio e o comportamento ecológico a cada momento que passa torna-se mais teoria do que prática. Destaca-se ainda que os recursos naturais estejam cada vez mais escassos e sua preservação depende muito da forma de atuação das gerações presentes e futuras. É preciso, portanto, desenvolver outro modo de pensar e de agir. O presente artigo tem como objetivo analisar o comportamento ecológico sob a égide capitalista. Apresenta, ainda, breves considerações sobre o desenvolvimento sustentável vista como a principal solução para alcançar o crescimento econômico-ecológico.

Palavras-Chave: Comportamento ecológico; Sociedade; Desenvolvimento Sustentável.

1. INTRODUÇÃO

A luta em prol de um ambiente saudável e sustentável ainda se encontra em seus primórdios. Na medida em que a sobrevivência da humanidade tem sido colocada em risco, observa-se que a consciência ambiental tem florescido, propiciando reflexões, as quais têm produzido conhecimentos reveladores e decisivos na sinalização do caminho que deve ser trilhado para se reverter as consequências do uso indevido dos recursos naturais.

O capitalismo transformou a economia, o modo de pensar e agir do homem, fez da sociedade um grande jogo de disputa por dinheiro a qualquer preço. As máquinas evoluíram, as indústrias, os prédios, mas o respeito à natureza, ao meio ambiente, aos limites dos recursos naturais não atingiu sequer a Primeira Revolução Industrial.

A sociedade está em constantes transformações, e o homem adapta-se ao seu meio. Portanto, não são os homens enquanto categoria genérica que estão destruindo a natureza, mas sim o homem sob determinadas formas de organização social. O movimento ecológico precisa de muita lucidez para se mover nesse universo capitalista. É preciso desenvolver outro modo de pensar e de agir, pois a preservação dos recursos naturais depende da interação sociedade e natureza.

Nesse contexto, o presente artigo busca elencar uma série de questões relacionadas à problemática ambiental em meio ao debate do crescimento econômico. Procura entender de que forma o comportamento ecológico apresenta-se diante da influência do contexto histórico, principalmente o capitalismo que visa o lucro imediato? E se esse interesse pelo capital modifica sua forma de pensar e agir no meio

em que vive? É, pois, uma revisão bibliográfica de alguns atores, que nos fazem refletir acerca do crescimento econômico-ecológico. Para tanto, o presente trabalho está dividido em três partes, a saber: primeiro uma apanhado revisional concernente à relação homem-natureza na esfera do capitalismo, capaz de apontar para o desafio do crescimento econômico-ecológico; depois uma sintética abordagem sobre o comportamento ecológico da sociedade moderna; por fim, algumas considerações que podem contribuir com esse inesgotável debate.

2. HOMEM-NATUREZA E A INFLUÊNCIA DO CAPITALISMO – ALGUNS DESAFIOS

Revolução Industrial foi um processo civilizatório, associado a progresso e sendo um dos sinônimos de modernização, desejava dominar a natureza e para tanto submeteu e sufocou os que a ele se opunham.

O impacto humano sobre o meio ambiente, segundo Stern (2000 *apud* CAVALCANTE, 2011, p. 126), é um produto de seus desejos de conforto, poder, segurança pessoal e prazer. Sendo assim, o homem sente a necessidade de dominação e, talvez por isso, não levem em conta as consequências de seus atos. Nesse contexto, o desafio de equilibrar crescimento econômico e conservação ambiental parece ser impossível, uma vez que ambas as partes muitas vezes não querem ceder.

Segundo o discurso da Modernização Ecológica (ME) que foi criada por teóricos e surgiu a partir da tese da “falha do Estado”, por sua má atuação na regulação ambiental, afirma que:

Poluição é uma questão de ineficiência; a natureza tem um balanço que deveria ser respeitado; a antecipação é melhor do que a cura; e desenvolvimento sustentável é a alternativa para o padrão prévio de crescimento poluidor (HAJER, 1995 *apud* LENZI, 2005, p. 58).

Um dos pontos fortes da ME é que pressupõe a possibilidade de se criar um “crescimento econômico ecológico”. O desafio parece estar em se saber sob quais condições o crescimento econômico pode se tornar ambientalmente benigno ou maligno, pois tipos diferenciados de crescimento econômico podem proporcionar impactos muito diferentes ao meio ambiente. Por exemplo, o uso das amêndoas encontradas nos cocos das palmeiras de Babaçu da Mata dos Cocais, para fabricação de cosméticos, no curto prazo ganhou bons lucros, mas ao longo prazo se não houver uma estratégia de recuperação dessas palmeiras não haverá mais lucro. Outro exemplo é a irrigação, que é a atividade que demanda maior quantidade de água no mundo, utilizada na agricultura como garantia da produtividade agrícola, para reduzir esse enorme desperdício uma saída seria o método por gotejamento, embora tenha custos mais altos de implementação, é uma alternativa mais viável no longo prazo, além de ser menos danoso para os rios e açudes por demandar menos água.

Ekins e Jacobs (1995 *apud* LENZI, 2005, p. 76), argumentam que um crescimento econômico ecológico é praticamente possível. O problema parece estar em estabelecer as mudanças necessárias e como colocá-las em prática. Em primeiro lugar, tornar-se necessário as inovações tecnológicas para estimular um processo de eficiência ambiental por todo o ciclo econômico, envolvendo tanto a extração de recursos naturais e o despejo de produtos na biosfera como os padrões de produção e consumo. Em segundo lugar, o grande desafio estaria em criar políticas que permitissem a utilização dessas técnicas na prática. Consideramos que em terceiro lugar estaria centrado na

parceria da política com a sociedade, onde ambos lutariam a favor da preservação ambiental.

Ambientalistas estão corretos em se preocupar com a dimensão envolvida no crescimento econômico, pois existem limites dos sistemas ecológicos que devem ser respeitados. Mas erram ao concluir que, pelo fato de os padrões de crescimento serem perigosos, a solução seja o “não-crescimento”. Essa batalha pelo que consta não tem data de término, mas sempre terá como protagonistas os ambientalistas que defendem o Desenvolvimento Sustentável, e do outro os capitalistas que defendem o crescimento econômico. Não percebem, ou não querem perceber que a crítica a uma determinada ordem não quer dizer necessariamente que se queira a desordem, mas sim outra ordem que seja fundamentada no desenvolvimento justo e sustentável, onde ambos as partes serão beneficiados.

A sociedade desenvolveu a síndrome do consumismo, o comprar virou sinônimo de status, a produção cria o consumidor. “Quem quer que não se adapte seu modo de vida às condições do sucesso capitalista é sobrepujado, ou pelo menos é impedido de subir” (WEBER, 2001, p. 64). Na mesma medida que consomem, produzem resíduos sólidos, e assim causam diferentes impactos ao meio. O capitalismo educa e seleciona os sujeitos de quem precisa, mediante o processo de sobrevivência econômico do mais apto. Para Weber (*op. cit.*), o homem existe para seu negócio, quando deveria ser o contrário. Ao invés de gozar dos prazeres da vida e das belezas naturais abandona as relações sociais e torna-se obsessivo pelo trabalho, e então dá o primeiro passo para tornar-se um capitalista. Isso é preocupante, visto que as relações materiais que os homens estabelecem e o modo como produzem seus meios de vida formam a base de suas relações com o meio ambiente.

Por visarem sempre à produção não respeitam os tempos dos ecossistemas e veem na natureza a garantia do lucro e da sobrevivência. O homem decide quanto vai retirar da natureza, mas é a economia que, em última instância, decide. Por muito tempo a fumaça das chaminés era vista apenas como um símbolo de progresso e trouxe mais do que progresso, agravou a desigualdade social e causou alterações no efeito estufa. Além disso, transformou a sociedade em uma grande fábrica de lixo, consumidora de produtos descartáveis e não-duráveis.

3. COMPORTAMENTO ECOLÓGICO NA MODERNIDADE

Com a forte influência do capitalismo cada indivíduo comporta-se de maneira diferente no meio ambiente, que podem ser comportamentos positivos ou negativos. Por exemplo, se um indivíduo evita desperdício de algum recurso natural, o impacto de sua ação será diferente daquele provocado por pessoas que desperdiçam recursos naturais ou poluem a natureza. Cada pessoa tem consciência dos seus atos e por isso são orientados por sua subjetividade a fazerem o certo, ou não, os que optam fazer o errado argumentam a falta de conhecimento ou agem assim para “facilitar” suas vidas.

A importância da água para sobrevivência é unânime, mas hoje se vive um paradoxo. Essa mesma água usada para uso pessoal, doméstico, abastecimento, etc. também é o principal receptor de esgotos domésticos e industriais.

Para Carvalho *apud* (1998 *apud* CAVALCANTE, 2011, p. 125), comportamento ecológico está associado ao não desperdício dos recursos naturais e ao respeito aos limites do meio ambiente, preservando o direito à vida das gerações futuras. É possível observar a relação do conceito de comportamento com o de sustentabilidade.

Consideramos que comportamento ecológico seja a maneira como o indivíduo se importa diante da importância da preservação ambiental, preservando inicialmente o

lugar onde reside e posteriormente sua cidade, seu país, seu planeta. Sendo um comportamento que pode ser aprendido ou ensinado em qualquer faixa etária. Vale ressaltar da importância de se educar crianças de forma ambientalmente corretas, não no sentido de impor o comportamento, mas de ensinar a maneira correta de lidar com o meio ambiente, para que ela desenvolva sua conscientização, e que possa defender sua geração e as gerações futuras.

As pessoas apresentam diferentes maneiras de expressar compromisso com o ambiente. Essa relação pode ser de tipo egoístico, altruístico ou biosférico (SCHULTZ, 2001 *apud* CAVALCANTE, 2011, p. 162). O compromisso egoísta envolve vantagens próprias da pessoa na preservação. O altruísta, as pessoas preservam o ambiente por saber que existem outros grupos, outras nações, as próximas gerações, etc. que têm os mesmos direitos de usufruir dos recursos. O último é o compromisso biosférico, segundo o qual as pessoas cuidam daquilo que não faz parte de sua vida cotidiana, algo que nunca viram ou tocaram, mas que precisa ser preservado.

Consideramos, ainda, outro comportamento baseado na escolha de não querer ter conhecimento dos impactos de suas ações, pois consideram os recursos naturais infinitos. Acusam o Estado pelas más condições ambientais e os veem como responsáveis pela recuperação e preservação da área degradada.

O conhecimento não tem poder de promover mudanças de comportamento, é preciso ter uma ética, que se baseia principalmente em princípios de sustentabilidade e qualidade de vida, e motivações, que pressupõem atitudes não agressivas ou prejudiciais ao meio ambiente. Para haver uma mudança é preciso que haja o comportamento coletivo em prol do bem estar da natureza, pois o homem tem a capacidade de mudar a sociedade por meio de instrumentos. Por exemplo, se a sociedade passa-se a consumir apenas mercadorias ambientalmente corretas as empresas mudariam sua forma de produção, se preocupariam com o final de seus produtos e passariam a fabricar de forma a respeitar o meio ambiente.

Devem-se conciliar questões relacionadas à natureza e à sociedade, então devemos nos adequar ao Desenvolvimento Sustentável, ou seja, reutilizar dos recursos naturais sem prejudicar as futuras gerações e respeitar o tempo que a natureza leva para se recuperar. O futuro se dá aqui e agora e cabe a sociedade decidir que presente esse futuro terá.

4. PARA REFLETIRMOS – MAIS ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste trabalho, houve a preocupação de apresentar, inicialmente, a forte influência do capitalismo na sociedade, entendido como um obstáculo para preservação ambiental no contexto daqueles que só visam o lucro a qualquer preço. Deixando de lado o respeito à natureza, a sociedade, e a si mesmo.

A preservação do meio ambiente depende muito da forma de atuação das gerações presentes e futuras, e o que estão dispostas a fazer para diminuir o impacto ambiental das suas ações. Por esse motivo, a educação ambiental é de extrema importância e deve ser abordada nas escolas, para que todos os membros da sociedade desenvolvam uma consciência ambiental e tenham atitudes responsáveis em relação ao meio ambiente. O Desenvolvimento Sustentável surge não como uma alternativa, entre tantas, mas sim como uma salvação para os ecossistemas.

Nesse sentido, pode-se inferir que é possível que a sociedade comprometa-se, primordialmente, com a preservação do meio ambiente. Conciliando questões do crescimento e recursos naturais, para atingir o desenvolvimento. Faz-se necessário uma sociedade que aja de forma coletiva e justa, sempre pensando como parte essencial

desse meio, e como parte transformadora das questões sócias, econômicas e ambientais. Esse seria o posicionamento que faria o diferencial e que atingiria o crescimento econômico ecológico.

5. REFERÊNCIAS

CARVALHO I. C. **Educação ambiental**: curso básico à distância - questões ambientais: conceitos, história, problemas e alternativas. São Paulo: UNESP/Melhoramentos, 1998.

CAVALCANTE, S; ELALI, G. **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011.

EKINS, P; JACOBS, M. Environmental sustainability and the grow of GDP: conditions for compatibility. In: BHASKAR, V; GLYN, A. (Org.). **The north the south and the environment: ecological constraints and the global economy**, 1995.

GONÇALVES, C. W. P. **Os (Des)Caminhos do Meio Ambiente**. São Paulo: Contexto, 2006.

LENZI, C. **Sociologia Ambiental**: Risco e Sustentabilidade na Modernidade. São Paulo: Edusc, 2005.

WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Martim Claret, 2001.

SCHULTZ, P. W. **The Structure of Environmental Concern: Concern for Self, Other People, and the Biosphere**. 2001.

STERN, P. Toward a Coherent Theory of Environmentally Significant Behavior. **Journal of Social Issues**, v. 56, n. 3, p. 407-424, 2000.